



RUI MORAIS
MIGUEL BANDEIRA
MARIA JOSÉ SOUSA
[EDITORES]

CELEBRAÇÃO DO BIMILÊNÁRIO DE AUGUSTO

*AD NATIONES.
ETHNOUS KALLAIKON*

CELEBRAÇÃO DO BIMILENÁRIO DE AUGUSTO
AD NATIONES. ETHNOUS KALLAIKON

Homenagem a Maria Helena da Rocha Pereira

RUI MORAIS
MIGUEL BANDEIRA
MARIA JOSÉ SOUSA
[EDITORES]

CELEBRAÇÃO DO BIMILÊNÁRIO DE AGUSTO

*AD NATIONES.
ETHNOUS KALLAIKON*



ÍNDICE

PRÓLOGO	8
INTRODUÇÃO	12
AUGUSTO EM SUETÓNIO	16
(OS) MITOS DO SÉCULO DE AUGUSTO	32
AUGUSTO EM PLÍNIO O ANTIGO	40
EL TERRITORIO GALAICO DURANTE LAS GUERRAS CÁNTABRAS: NUEVAS PERSPECTIVAS	54
PROBLEMÁTICAS E PERSPECTIVAS SOBRE A PRESENÇA MILITAR NO NOROESTE HISPÂNICO NO TEMPO DE AUGUSTO: O CASTRO DE ALVARELHOS	74
EL PROCESO DE URBANIZACIÓN DEL NOROESTE DENTRO DE LA POLÍTICA AUGÚSSEA	84
O URBANISMO NOS CASTROS MERIDIONAIS EN ÉPOCA DE AUGUSTO	96
A GALLAECIA MERIDIONAL EM TEMPOS DE AUGUSTO	112
DEL CASTRO A LA CIVITAS: DOMINACIÓN Y RESISTENCIA EN EL NOROESTE HISPANO	124
BRACARA AUGUSTA E A REDE VIÁRIA AUGUSTANA DO NOROESTE PENINSULAR	136
<i>BRACARUM OPPIDUM AUGUSTA</i> . OS DADOS DA CULTURA MATERIAL	152
EPÍLOGO	166

PROBLEMÁTICAS E PERSPECTIVAS SOBRE A PRESENÇA MILITAR NO NOROESTE HISPÂNICO NO TEMPO DE AUGUSTO: O CASTRO DE ALVARELHOS

**RUI CENTENO, RUI MORAIS E
ROBERTO BARTOLOMÉ ABRAIRA**

(Faculdade de Letras da UP e CITCEM; Faculdade de Letras da UP e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Universidade de Santiago de Compostela)

Hoje em dia aceita-se, quase sem discussão, que os Galaicos foram submetidos por Roma muito antes das guerras cantábricas, desde as operações militares levadas a cabo em 138-7 a.C. por D. Júnio Bruto e, sobretudo, a partir da campanha de César no ano 61 a.C. (Morillo, 2002, 71; Morillo, 2011, 12). No entanto, a historiografia tradicional faz ênfase na inclusão dos galaicos no teatro de operações das guerras cantábricas (29-19 a.C.), hipótese descartada em recentes trabalhos (Morillo, 2002, 67-93; 2014).

Como se sabe, esta posição não se enquadra na opinião defendida na década de quarenta do século XX, por A. Schulten (1943, 174), que sugeriu a existência de um acampamento romano na Colina da Cividade, em Braga, datado da terceira década antes de Cristo, no momento em que se concretizou a última etapa da conquista da Hispânia. Esta tese não encontrou reflexo nas publicações recentes sobre a cidade romana (*vide*, entre outros estudos, Martins, 2011, 11).

Não há dúvida que o território dos *Bracari* se viu envolvido indiretamente nas campanhas augustanas, desempenhando um papel de retaguarda durante o conflito. A sua proximidade geográfica com o território dos Ástures, dotava-o de uma especial relevância estratégica. A conquista do território dos Ástures em 25 a.C. coloca, todavia, significativas incógnitas. Por um lado, era um espaço geográfico mais complexo e diversificado que o dos Cântabros, compreendido entre o mar Cantábrico, a *Gallaecia*, a oeste, e os povos da Meseta dominados por Roma, a sul. Com precisão, a fronteira meridional, sem nenhum obstáculo geográfico visível, é difícil de definir. Os testemunhos arqueológicos da conquista são, contudo, muito escassos, o que não permite reconstruir solidamente a tática implementada por Roma.

O ataque romano ao flanco ocidental da Astúria deve ter partido do território galaico, como garantem os numerosos testemunhos da presença militar romana na rota desde o centro peninsular até à região onde mais tarde se fundariam as cidades de *Bracara Augusta* e *Lucus Augusti*. O governador da Hispania Ulterior, P. Carísio, encontrava-se à frente das tropas que se dirigiram ao território ásture pela rota mais ocidental, ascendendo provavelmente pelas rotas que conduziam desde o vale do Guadiana até ao norte. A penetração até à Meseta deve ter-se realizado desde o norte do atual território português através da atual Galiza. Tranoy (1981, 139-140) admite que aquela campanha poderia ter sido orientada a partir da área galaica meridional, junto à costa do vale do Douro,

seguindo em direção ao território dos brácaros, ou mais interior, aproveitando o alinhamento de depressões relacionadas com a falha Régua-Verín¹.

Numerosas evidências apontam que o traçado da via XVII do Itinerário de Antonino, e patente também na Tábua IV do Itinerário de Barro (Fernández Ochoa *et al.*, 2012, 168-71), que liga a *Asturia Augustana* e a *Gallaecia* meridional através da região de Trás-os-Montes, é uma das rotas romanas mais antigas de toda a região, possivelmente utilizada durante a conquista pelas tropas de Carísio (Morillo, 2009, 246; Morillo, 2014). Assim o confirmam tanto a dispersão dos achados numismáticos (Blázquez Cerrato, 2002, 273-288), como os miliários augustanos e tiberianos (Lostal, 1992, 270; Rodríguez Colmenero *et al.*, 2004, 156-210).

De qualquer maneira, o controlo do território ásture estruturou-se em várias fases. Uma deve ter afetado El Bierzo, território rodeado de montanhas, onde talvez devamos situar o cerco do *Mons Medullius*. Talvez tenha sido objeto de um ataque em tenaz, combinada entre a Meseta e as bases militares em território galaico. Num segundo momento, tiveram de se submeter os principais *oppida* da vertente meridional da Cordilheira Cantábrica, como *Lancia*. Finalmente, a partir da própria Meseta, penetrou-se até à franja marítima, através da chamada via *Carisa*, o principal caminho natural de comunicação entre ambos espaços. E não podemos descartar uma participação de tropas estacionadas no território galaico na conquista do litoral ásture, já que as comunicações naturais são muito fáceis. A própria presença em Lugo, ou nas suas redondezas, de um acampamento deste momento indica claramente o seu papel como retaguarda do conflito, cujos cenários principais foram as zonas montanhosas da Cordilheira Cantábrica e os Montes de León (cf. Morillo, 2014).

As guerras promovidas por Augusto contra os povos do noroeste contribuíram para afirmar o prestígio do imperador em todo o mundo romano, porque permitiram encerrar a conquista do território hispânico, iniciada cerca de dois séculos antes. A pacificação da Hispânia, apesar das notícias de algumas sublevações na região até meados do século I, sempre controladas pelo exército, abriu as portas à exploração dos recursos do NO Peninsular, em particular, das suas ricas jazidas auríferas.

O sucesso destas campanhas militares, para além da sua importância para as finanças de Roma e uma vez que foi a última guerra que contou com a presença do Imperador no teatro de operações militares, muito contribuiu para difundir o prestígio de Augusto em todas as regiões do Império. Evidentemente tal acontecimento foi utilizado pela propaganda imperial para divulgar as excepcionais qualidades do *Princeps* como líder político e militar.

Por isso, não será de admirar que estas campanhas militares sejam longamente tratadas nas fontes clássicas, referidas pelo próprio Augusto no relato dos seus feitos (*Res Gestae* 26), mostrando que foi um episódio primordial para a pacificação do Império, sendo certamente muito evocado mesmo depois da morte do fundador do Império.

Um testemunho do que acabamos de referir, poderá ter ocorrido numa região oriental do Mediterrâneo, mais especificamente na cidade de Aphrodisias, na Cária, que vem sendo objeto de escavações arqueológicas sistemáticas iniciadas nos anos sessenta do século passado por K.T. Erim (1987, 7-30) e continuadas por R.R.R. Smith, que revelaram um importante santuário, dominado por um grande templo, dedicado a Afrodite e aos imperadores júlio-claudianos (Smith, 1987; 1988; e principalmente 2011). Os achados de elementos arquitetónicos e de escultura permitiram uma reconstituição muito completa do complexo de construções, apontando-se o reinado de Tibério para o início sua edificação que se terá prolongado até Nero. Nos dois pórticos do *sebasteion* são ilustrados em painéis esculpidos em baixo-relevo, os mais importantes feitos dos imperadores desta dinastia. No pórtico norte, fachada sul, encontravam-se as personificações de povos, tendo os testemunhos epigráficos permitido identificar 16 dos povos derrotados pelos cinco imperadores júlio-claudianos. Entre 16 povos documentados pela epigrafia, 11 correspondem a povos submetidos

¹ Esta hipótese é contrariada por Syme (1970, 100-101), que advoga uma ofensiva romana perpetrada de este para oeste, a partir do triângulo León-Astorga-Benavente.

por Augusto, parecendo repercutir impacto que tiveram em todo o Império, na época, as ações militares empreendidas pelo *Princeps*. Neste grupo de 11 povos representado no *sebasteion* de Aphrodisias aparecem os Galaicos, o único da Hispânia, indicando talvez que, por meados do Império, já se havia generalizado a ideia de que a vitória de Augusto sobre os Galaicos constituiu a etapa final da conquista da Hispânia. Talvez por terem sido os primeiros a ser controlados por Roma no noroeste da Hispânia, os Galaicos adquiriram relevância entre os povos da região, o que terá contribuído para o uso desta designação, no senso comum romano, quando se referenciavam as populações que habitavam estes territórios, abarcando assim os Cântabros e Ástures, cujos etnónimos teriam caído no «esquecimento» com o passar dos anos. Aliás, esta visão dos Galaicos como entidade definidora de uma região poderá mesmo remontar ao período das campanhas de D. Júnio Bruto, o Galaico, que atravessou o Douro em 137 a.C. (Cruz Andreotti, 2006, 88).

Estas poderão ser algumas das justificações possíveis para que os Galaicos sejam o único povo hispânico, subjugado por Augusto, referenciado no santuário de Aphrodisias, onde existiria um que painel reservado à personificação dos Galaicos e de que resta apenas um fragmento da base com parte da inscrição: EΘNO(υς) / ΚΑΛΛΑΙΚΩ(ν) (Smith, 2011, 108 e Est. 44. 22) (Fig. 1). A sua composição seria idêntica, por exemplo, à do painel dos Dácios (Smith, 2011, 92-3 e Est. 26): a epígrafe na base legendava a personificação esculpida na parte superior (Fig. 2).



Fig. 1. Aphrodisias: fragmento de base com inscrição EΘNO(υς) / ΚΑΛΛΑΙΚΩ(ν) (Foto in Smith, 2011, Est. 44.22)

Apesar da relevância deste testemunho, o *sebasteion* de Aphrodisias poderá revelar uma outra relação com a Hispânia, que nos parece patente em outro painel, colocado na fachada nascente do pórtico norte, ao centro no piso superior, onde se retrata, à esquerda, Augusto nú, com uma coroa de folhas de carvalho e segurando talvez uma lança, ladeado por uma águia militar e por um troféu constituído por uma couraça, elmo, polainas e um escudo redondo, tudo suportado por um cativo ajoelhado (?); à direita do troféu apresenta-se a Niké/Victoria, envergando um chitón e um manto, parecendo coroar o troféu com a mão direita (Smith, 2011, 128-31 e Ests. 46-7) (Fig. 3).

É evidente que esta cena, aliás frequente na iconografia romana, poderia simbolizar qualquer uma ou todas as vitórias obtidas por Augusto sobre os diversos povos que foram dominados por Roma. Contudo, como já atrás referimos, a vitória sobre os povos do noroeste teve um especial significado para o *Princeps*, mais não seja por ser a última grande guerra que preparou e comandou em pessoa no terreno durante algum tempo. Este argumento, associado com a já enunciada epígrafe referente ao Galaicos, dá certamente alguma força à possibilidade de identificação desta cena como uma representação da vitória de Augusto na guerra da Hispânia. A este propósito, devemos recordar o tipo ilustrado no reverso dos quinários cunhados em Emerita por Públio Carísio, então Pro-

² RIC² 1a-b; Cebrián Sánchez, 2013, 146-47, n.º 1-24. As emissões de denários e quinários de P. Carísio são normalmente datadas entre 25 a.C., data tradicionalmente aceite da fundação de Emerita (apesar de a documentação epigráfica recente fazer avançar este acontecimento para 24 a.C., vide Saquete e Álvarez Martínez, 2013, 281) e 1 de julho de 23 a.C., ocasião em que Augusto é investido, pela primeira vez, pelo poder tribunicio. A referência do poder tribunicio na titulação da emissões em AE de Carísio tem sido utilizada pelos investigadores para as datar entre 1 de



Fig. 2. Aphrodisias: painel dos Dácios (Foto in Smith, 2011, Est. 261)



Fig. 3. Aphrodisias: painel de troféu entre Augusto e Niké (Foto in Smith, 2011, Est. 46)

pretor, no final das suas campanhas militares²; no reverso desta emissão apresenta-se uma composição similar à do painel de Aphrodisias, sendo a ausência do *Princeps* a principal diferença, que se justifica, uma vez que Augusto aparece retratado no anverso (Fig. 4)³. Concluindo, os três elementos principais da cena do baixo-relevo estão presentes neste quinário, o que, em nosso entender reforçará a interpretação proposta da cena representada neste painel do *sebasteion*.

Estas observações procuram destacar a importância que as guerras contra os Galaicos, Ástures e Cântabros tiveram no início do período imperial, obrigando a uma constante investigação para tentar esclarecer muitos aspetos obscuros, duvidosos e ainda desconhecidos, sendo fundamental, para o efeito, a realização de trabalhos arqueológicos em sítios que possam estar relacionados direta ou indiretamente com estes acontecimentos.

Nos últimos anos, os dados revelados por prospeções e escavações têm proporcionado consideráveis contributos sobre a problemática das Guerras Cantábricas, que permitiram reavaliar e contrariar algumas «verdades indiscutíveis» criadas pela chamada historiografia tradicional⁴, baseada em testemunhos escassos e fragmentários de algumas das fontes literárias que chegaram

julho de 23 a.C. e 30 de junho de 22 a.C. Apesar de pretendermos voltar em breve a este tema, de forma mais detalhada, podemos avançar que as emissões de AR e AE são em nosso entender contemporâneas (as diferenças nas titulaturas resultarão, como seria de esperar, por estarmos em presença de moedas com dimensões distintas), podendo datar do primeiro semestre de 22 a.C. (até 30 de junho), entre o final das operações militares de Carisius e do seu mandato. Este numerário comemorando as vitórias militares e talvez o início da construção das muralhas da cidade, terá servido para pagar aos veteranos do exército de Carísio que então se estabeleceram em Emerita.

3. Fora de Hispânia não existe qualquer outra emissão de Augusto que utilize o tipo representado no quinário de Carísio, sendo muito frequente na amoedação do período republicano.

4. Sobre o assunto, *vide* Fernández Ochoa e Morillo, 1999; Morillo, 2008, 2011 e 2014.



Fig. 4. Quinário de Augusto cunhado por P. Carísio em Emerita (Foto R. Centeno)

até nós⁵. De facto, atualmente podem-se reconstruir as rotas de penetração do exército romano na antiga Cantábria graças à descoberta de numerosos estabelecimentos militares, e começa a conhecer-se melhor como se efetuou a passagem da Meseta para a *Asturia Transmontana* (Morillo, 2008; 2011, 13-14; 2012).

A. Morillo e J. Salido (2010, 147) apontam no mesmo sentido quando sugerem que os abundantes bens provenientes da Bética se canalizaram até este teatro de operações por via marítima até as Rias Baixas galegas e o percurso inferior do rio Minho, seguindo depois por via terrestre. cremos que, se apreciarmos os dados da cultura material até à data identificados, esta hipótese está perfeitamente bem documentada, especialmente através da distribuição das ânforas Dressel 1 e Haltern 70 ao longo de toda a fachada atlântica, em particular no Noroeste da Península (Morais, 2005; 2007, 99-132; Carreras e Morais, 2011, 34-79; 2012, 419-441).

A possibilidade de ter sido instalada uma base de operações militares, sem dúvida como estação de circulação das tropas romanas até aos cenários bélicos setentrionais, situada a sul do rio Minho é muito aceitável. A significativa presença militar romana neste setor já havia sido sugerida pela abundância de moedas com reverso de *caetra*, cunhadas aquando das guerras cantábricas (Centeno, 1987, 240; Pérez González *et al.*, 1995, 204-205; Centeno, 2010, 171-173). Isto mesmo parece ser corroborado pelos achados dos tesouros monetários da Citânia de Sanfins e do Castro de Alvarelhos. Neste último local foram até à data recuperados um conjunto de objetos que serão indiciadores de uma eventual presença militar no povoado, a saber:

- um elemento de escudo romano, datável a partir de finais do século II/princípios do século I a.C., feita partir de uma única lâmina, com parte central hemisférica, e aletas de perfil trapezoidal com aberturas nos vértices para a fixação do escudo (Moreira, 2007, 40; 137-138, n.º 256);
- a inscrição dedicada a Turiaco por L. Valerius Silvanus, soldado de VI legião romana, a *Victrix* (CIL II 5551; Le Roux, 1982, 182); outra (desaparecida), onde se registava a palavra CAESAR e o número XII (Torres, 1979, 32; Centeno, 2011, 364-65, que publica, pela primeira vez, uma foto desta epígrafe);
- três tesouros monetários (encontrados em 1893, 1964 e 1971), respetivamente, compostos por um conjunto de moedas de prata do reinado de Augusto até 2 a.C.-4 d.C.; um conjunto

5. Estas informações são recolhidas em Horácio, Patérculo Veleio, Suetónio, Floro, Dião Cássio, Orósio e Antologia Palatina.



Fig. 5. Tesouro de Alvarelhos (1971): lingote em prata com inscrição CAESAR (Foto R. Centeno)

de cerca de 523 denários, cujos exemplares mais recentes são de Octaviano/ Augusto (c. 32-27 a.C.); o terceiro, de cronologia similar, com cerca de 5.000 moedas, parte das quais estudadas por Joaquim Torres (1979) e um dos autores (Centeno, 1987, 34-41);

– associados ao referido tesouro de 1971 encontraram-se nove lingotes de prata (objetos que representariam um sistema normalizado da quantidade de moedas de prata que correspondia a um pagamento), dois quais com a inscrição CAESAR (Fig. 5), que encontram paralelos noutras partes da *Hispania* e do

Império (mas sem inscrição), e poderão relacionar-se com a presença de legionários romanos, num momento próximo da data dos denários que fecham os tesouros de 1964 e de 1971 de Alvarelhos (Torres, 1979, 38-44; Centeno, 2011, 364-65);

– outros indicadores – ainda que indiretos – da importância deste local no processo de conquista e sua relação com o mundo itálico de tipo militar, nomeadamente um arnês de cavalo e dois belos exemplares da torêutica romana, representada por uma pátera (Fig. 6) com o fundo decorado com um legionário, rodeado por uma inscrição em ouro, e uma pequena estátua de bronze com a figura de uma Nereida (Moreira, 2007, 38-9, 40, 136, n.º 251, 138-9, n.º 256.1).

Este conjunto de dados permite pensar que Alvarelhos foi um sítio importante desde as primeiras etapas da conquista do Noroeste da Península, não só no contexto do abastecimento dos exércitos nas zonas costeiras, mas também para assegurar alianças com as gentes locais e permitir o abastecimento *in loco* dos exércitos.

A evidência arqueológica é, no entanto, contraditória, mas suficiente para deixar aberta a questão de um possível acampamento já que é muito difícil identificar e diferenciar os testemunhos relativos a um recinto militar construído em terra e madeira que teria facilitado a articulação das relações entre civis e militares, que nesta região não parecem ter

sido conflituosas durante o processo de romanização, ou seja, da penetração das estruturas oficiais, administrativas e culturais de cariz romano. Não se tratava da presença de um exército de conquista mas antes um exército de ocupação, um instrumento mais ao serviço da administração romana, com funções de policiamento, controle e reorganização sociopolítica. Nada teria que ver com os acampamentos de campanha de diversos tamanhos estabelecidos pelo exército romano no interior do território cántabro e ásture durante o duro processo de conquista, em que se detetam inclusivamente batalhas e sistemas de assédio (cf. Peralta, 2002 e 2006).

Acrescente-se, ainda, a importância dos exércitos como agentes eficazes de integração política (Le Roux, 1995, 84). O peso dos militares na vida das províncias não residia no seu número mas antes no seu pres-



Fig. 6. Alvarelhos: Pátera com representação de legionário (Foto MNA)

tígio e função na sociedade (Palao Vicente, 2010, 165; 167). Os contingentes militares cumpriam certamente as funções de vigilância do território e participaram na construção das estruturas viárias e das primeiras infra-estruturas (Morillo, 2002, 82).

Admitimos, porém, que no estado atual dos conhecimentos a constatação a nível arqueológico é muito débil. As evidências arqueológicas disponíveis não constituem até ao momento argumento suficiente para propor a existência de um acampamento. Podem somente ser o testemunho de um ambiente claramente militarizado nos finais do período republicano e os inícios do período imperial.

BIBLIOGRAFÍA

- BLÁZQUEZ CERRATO, C. (2002): «Circulación monetaria en el área occidental de la península ibérica. La moneda en torno al “Camino de la Plata”», *Archéologie et Histoire Romaine*, 6, Montagnac.
- CARRERAS, C.; MORAIS, R. (2011): «Las ánforas de Lucus Augusti», in C. Carreras Monfort, R. Morais e E. González Fernández, coords., *Ánforas romanas de Lugo: comercio romano en el Finis Terrae*, *Traballos de Arqueoloxía*, 3, Lugo, pp. 34-79.
- CARRERAS, C.; MORAIS, R. (2012): «The Atlantic Roman Trade During the Principate: New Evidence from the Western Façade», *Oxford Journal of Archaeology* 31(4), pp. 419-441.
- CEBRIÁN SÁNCHEZ, M.A. (2013): *La ceca romana de Augusta Emerita*, Montpellier.
- CENTENO, R.M.S. (1987): *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, *Anexos Nvmmvs*, 1, Porto.
- CENTENO, R. (2010): «Um novo sestércio de Augusto com a caetra no reverso, aparecido em Braga», in R. Morais, *Bracara Augusta*, Braga, pp. 171-173, 182, 194-195.
- CENTENO, R.M.S. (2011): «Da República ao Império: reflexões sobre a monetização no ocidente da Hispânia», in M. P. García-Bellido, L. Callegarin e A. Jiménez Díez, eds., *Barter, Money and Coinage in the Ancient Mediterranean (10th-1st centuries BC)*, *Anejos AEspA*, LVIII, Madrid, pp. 355-367.
- CRUZ ANDREOTTI, G. (2006): «Polibio y la integración histórico-geográfica de la Península Ibérica», in G. Cruz Andreotti, P. Le Roux e P. Moret, eds., *La invención de una Geografía de la Península Ibérica*, I. *La época republicana*, *Actas del Coloquio Internacional celebrado en la Casa de Velázquez de Madrid entre el 3 y el 4 de marzo de 2005*, Madrid, pp. 77-96.
- ERIM, K.T. (1987): «25 ans de fouilles à Aphrodisias», in J. Genière e K. Erim, eds., *Aphrodisias de Carie. Colloque du Centre de Recherches Archéologiques de l'Université de Lille III*, Paris, pp. 7-30.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO, A. (1999): *La Tierra de los Astures. Nuevas perspectivas sobre la implantación romana en la antigua Asturias*, Gijón.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO CERDÁN, A.; GIL SENDINO, F. (2012): «El Itinerario de Barro. Cuestiones de autenticidad y lectura», *Zephyrus* LXX, pp. 151-79.
- LE ROUX, P. (1982): *L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste a l'invasion de 409*, Paris.
- LE ROUX, P. (1995): *Romains d'Espagne: cités et politique dans les provinces, I^{er} siècle av. J.-C.-III^e siècle ap. J.-C.*, Paris.
- LOSTAL, J. (1992): *Pros, Los miliarios de la provincia tarraconense*, Zaragoza.
- MARTINS, M. (2011): *Braga romana*, Braga.
- MORAIS, R. (2005): «From Oppidum to Dives Bracara: the City Trade Through the Amphorae», in *Late Roman Coarse Wares, I (BAR International Series, 1340)*, Oxford, pp. 55-67.
- MORAIS, R. (2007): «A via atlântica e o contributo de Gádir nas campanhas romanas na fachada noroeste da península», *Humanitas* 59, Coimbra, pp. 99-132.
- MOREIRA, A. B. (2007): *Museu Municipal Abade Pedrosa. Coleção arqueológica*, Santo Tirso.
- MORILLO, A. (2002): «Conquista y estrategia: el ejército romano durante el periodo augusteo y julio-claudio en la región septentrional de la península ibérica», in A. Morillo, coord., *Arqueología militar romana en Hispania*, *Anejos Gladius*, 5, Madrid, pp. 67-93.
- MORILLO, A. (2008): «De la imagen legendaria a la reconstrucción arqueológica: la conquista de los pueblos cántabros», in J. R. Aja, M. Cisneros e J.L. Ramírez, eds., *Los cántabros en la Antigüedad. La historia frente al mito*, Santander, pp. 105-119.

- MORILLO, A. (2009): The Augustan Spanish experience: the origin of limes system, in A. Morillo, N. Hanel e E. Martín, eds., *Limes XX. Estudios sobre la Frontera Romana-Roman Frontier Studies*, (Anejos de Gladius, 13), Madrid, pp. 239-252.
- MORILLO, A. (2011): «The Roman occupation of the north of Hispania: war, military deployment and cultural integration», in G. Moosbauer e R. Wiegels, eds., *Fines imperii -imperium sine fine? Römische Okkupations- und Grenzpolitik im frühen Principat*, Osnabrücker Forschungen zu Altertum und Antike-Rezeption, 14, Leidorf, pp. 11-26.
- MORILLO, A. (2014): «Arqueología de la conquista del Norte peninsular. Nuevas interpretaciones sobre las campañas del 26-25 a.C.», in F. Cadiou e M. Navarro Caballero, eds., *Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe-Ier s. a.C.)*, Bordeaux, pp. 133-48.
- MORILLO, A.; SALIDO, J. (2010): «El aprovisionamiento del ejército romano en Hispania. Transporte, almacenaje y redistribución», in J. J. Palao, ed., *Militares y civiles en la antigua Roma: dos mundos diferentes, dos mundos unidos*, Salamanca, pp. 135-164.
- PALAO VICENTE, J.J. (2010): «Una aproximación al estudio de las relaciones entre militares y civiles en Hispania durante el Alto Imperio», in J. J. Palao Vicente, coord., *Militares y civiles en la antigua Roma: dos mundos diferentes, dos mundos unidos*, Salamanca, pp. 165-96.
- PERALTA, E. (2002): «Los campamentos de las guerras cántabras de Iguña, Toranzo y Buelna (Cantabria)», in A. Morillo, coord., *Arqueología militar romana en Hispania*, Anejos Gladius, 5, Madrid, pp. 327-38.
- PERALTA, E. (2006): «La revisión de las guerras cántabras: novedades arqueológicas en el norte de Castilla», in A. Morillo, ed., *Arqueología militar romana en Hispania. Producción y abastecimiento en el ámbito militar*, León, pp. 535-43.
- PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ILLAREGUI GÓMEZ, E.; MORILLO CERDÁN, A. (1995): «Reflexiones sobre las monedas de la caetra procedentes de Herrera de Pisuerga (Palencia)», in M.P. García-Bellido e R.M.S. Centeno, eds., *La moneda hispánica, ciudad y territorio*, Anejos AEspA, XIV, Madrid, pp. 199-206.
- RIC²C.H.V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage*, Vol. I. From 31 BC to AD 69, 2^a ed. rev., London, 1984.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; FERRER SIERRA, S.; ÁLVAREZ SOREY, R.D. (2004): *Miliarios e outras inscricións viarias romanas do Noroeste Hispánico (conventus bracarense, lucense e asturicense)*. Santiago de Compostela.
- SAQUETE, J.C.; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. (2013): «Augusta Emerita: Novedades Epigráficas, Testimonios Arqueológicos e Interpretaciones Históricas», in *Govern i societat a la Hispània romana. Novetats epigràfiques. Homenatge a Géza Alföldy*, Tarragona, pp. 279-290.
- SCHULTEN, A. (1943): *Los Cántabros y Astures y su guerra con Roma*, Madrid.
- SMITH, R.R.R. (1987): *The Imperial Reliefs from the Sebasteion at Aphrodisias*, *The Journal of Roman Studies* 77, London, pp. 87-138.
- SMITH, R.R.R. (1988): *Simulacra Gentium: the Ethne from the Sebasteion at Aphrodisias*, *The Journal of Roman Studies* 78, London, pp. 50-77.
- SMITH, R.R.R. (2011): *Aphrodisias VI: The Marble Reliefs from the Julian-claudian Sebasteion*, Mainz.
- SYME, R. (1970): *The conquest of north-west Spain*, in: *Legio VIII Gemina*, León, pp. 79-107.
- TORRES, J. (1979): *Tesouro monetário do Castro de Alvarelhos: estudo numismático - seriação cronológica e histórica*, separata de *Boletim Cultural de Santo Tirso* I, 2-3, Santo Tirso.
- TRANOY, A. (1981): *La Galice romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Publications du Centre Pierre Paris, 7, Paris.

CELEBRAÇÃO DO BIMILENÁRIO DE AUGUSTO *AD NATIONES. ETHNOUS KALLAIKON*



BRAGA
Cidade autêntica

ISBN: 978-989-99600-0-8



9 789899 960008